

DO LIRISMO SAUDOSO¹

MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

I. FREQUÊNCIA LÍRICA DO PENSAR

Duarte Nunes de Leão, na sua *Origem da Língua Portuguesa*, deixou-nos uma definição da saudade: «[...] lembrança de alguma cousa com desejo dela.»² – assim apontando para duas principais características do sentimento saudoso, a *lembrança* e o *desejo*. Deu-nos, na simplicidade aparente da sua frase, uma aceção onto-noética de saudade, de influência platónica, onde acorda a frequência lírica do pensar.

Não assumo neste texto o lirismo num sentido puramente literário ao relacioná-lo com o «saudoso» da saudade como movimento *poiético* do pensar para pensar o que não pode deixar de merecer pensar-se, que desperta pela coita saudosa, o modo do pensamento em saudade viger no ser, sentindo-o e pesando-o, simultaneamente. Mais do que tê-lo por metáfora cordial, acudimos ao lirismo saudoso como o que está além de toda a lírica e além de todo o saudosismo, que sobe ao ponto sem cardealidade e à referência do ser em seu mistério ou em aclaração de mistério, que sempre será o enigma do ser como experiência cognitiva do que muito além do pensamento nos insitua.

O lirismo de que aqui falo é o lirismo do insituável de quem (sujeito) ou do que (objeto) vem ao cuidado do pensar, a adveniência do enigma para o mistério ou do mistério para a visão que o pensamento não mais suporta. Se ver é visar, o que está para lá da visão e do ver não se visa nem se vê, mas só se pensa e sente, pelo que o lirismo em modo de saudade, anterior e fundador de todo o lirismo, da poesia à metafísica, é o pensar enquanto movimento que nos leva ao ser sentindo-o, movimento não especulante, embora ainda judicativo por congraçar o ato essente, que pensa, com o ato que sente.

À necessidade de pensar a saudade no seu lirismo puro nos leva o próprio pensamento da saudade que convoca a experiência noética do *pensar sentindo*.

¹ Dedico este ensaio a Teresa Dugos-Pimentel, cuja memória é sempre em mim dolorida e saudosa, ao Prof. Doutor António Braz Teixeira, com quem há muito converso sobre a saudade, e à Paula Cristina Branco, que me lembrou o mote de Duarte Nunes de Leão.

² «[...] lébrança de algũa cousa com desejo della.» (Duarte Nunes de Lião, *Origem da Lingoa Portuguesa*, Lisboa, Impresso por Pedro Crasbeec, 1606, p. 125)



A esse nível que suporta o insuportável só o pensamento em modo de lirismo poderá inteligir-e-comover-se com as paisagens do ser, vivendo-as na intimidade do moradio do ser que é, foi e será o domicílio mesmo do pensar. Se o lirismo saudoso é a experiência primeira de todo o lirismo, se a saudade é ínsita ao ser e ao estar do pensamento norteado como barca à luz do ser – ainda que por vezes a receba em treva e nela se destine a permanecer –, só pelo lirismo da saudade é que pode o pensamento situar-se no insituável, pelo que as culturas e línguas que desconhecem a experiência da saudade só podem sentir como dificuldade o acesso ao ser pelo sentimento, ora suspendendo o *cogito* saudoso na vivência psicológica, ora restringindo-o à fenomenológica, ora produzindo antropologias sem alma e mistério, ora estanciando nos braços frios da razão e da positividade agnóstica.

Se sentem e pressentem o mistério do que não é humano, mas que fala a todas as potências da nossa alma, ressentem-se da incapacidade natural da cultura e da língua para a nominação de tal experiência, que traduzem como «abismo», ideia insuficiente que condena o sujeito contemporâneo à fragmentação, ao desapossamento pela alienação, à dispersão e à negação. O abismo do ser propõe um fundamento sem fundamento, o que contraria a tendência ínsita do pensar para o fundamento. A saudade, se é uma experiência de fundamento, descobre e precavê-se da solidão essencial do abismo para reorientar o ser humano para uma linguagem que é capaz de demonstrar a origem original do pensar como pensar do ser. Neste sentido, a cultura e a língua portuguesas guardam na tradição que é a sua uma original verdade que por muitos séculos cumprirá se pense, a do mistério mesmo do fundamento ser fundamento e da convivência original do *cogito* saudoso com a alegria e a graça das primaveras.

Sem a saudade, o acesso ao ser é uma experiência para a qual não há nominação e, como tal, é de sua natureza permanecer inominada. Trata-se da inominação do que só é possível achar-se pela saudade como experiência original do ser e originante de sentido. É assim que, em sua pureza, o pensamento de saudade permanece na tradição portuguesa fundamentalmente ligado à descoberta, que evoca a dialética da revelação e do ocultamento, pois que o ser e o estar do pensamento na radicalidade primordial do ser experiencia-o liricamente como o que por seu mistério inapagável se revela e se oculta. Pela saudade, o ser nunca inteiramente se dá, embora o seu dar-se seja dádiva ou doação. E assim como é apanágio da dádiva aceitar-se ou recusar-se, ela será sempre descoberta perene, numa espécie de oceano onde a nau corre para infinitas índias.

2. A COITA DA SAUDADE NO MORADIO DO SER

Lembrança de alguma cousa com desejo dela. Eis, então, a saudade na ótima definição de Duarte Nunes de Leão. Ela contém a síntese de uma noética: a saudade



é lembrança; nunca, porém simples lembrança, mas desejo de alguma cousa que a lembrança lembra. Nunes de Leão esteve aqui muito próximo de medir a saudade pela anamnese platônica, apontando-nos a matriz desejante da própria saudade, o que nos traz ao terreiro do que na saudade se oculta como pensamento timonado para a luz do ser e se entremostra como via original do seu acesso.

Não aceito aqui a visão pré-corporal da ideia; mas entendo na anamnese a natividade do pensamento embebido no ser; em verdade, é a estrutura mesma do ato que interroga, conhece e ama, a disposição nata do pensar que o dirige ao ser ou, o que é o mesmo, a marca da sua embebência, a mais funda. A saudade como reminiscência é participação do pensar na gratuidade da presença do ser.

Se nos interrogarmos agora sobre a valência da anamnese como a tonalidade mesma do ato que pensa e em trânsito pensa intensa e extensivamente o ser, cedo notamos que a saudade, enquanto é ela desejo da reminiscência, revela-nos no *cogito* o «saudoso» como o que algo a si patenteia e a ele se torna patente e de que padece. Ora padecer é sofrer algo ou de algo, ser atingido por, ser vítima de, manter-se com perseverança em tal *ou* tal estado³. Atente-se ao pensamento como padecente, de certo modo vítima daquele ou daquilo por que padece e que se mantém na embebência do ser, sofrendo-a passivamente ou a ela reagindo por excesso de sua ação como movimento lírico em andamento. É por esta via que o pensar saudoso e senciente atinge as comoções da dor, do medo, do nojo, da angústia, do desespero, da alegria, da efusão lírica e da graça, pelo que se o corpo sentimental da saudade é sempre antitético no que respeita à carga de afetividade, a saudade em si, ou anamnese, é o oceano que banha as ilhas da comoção, que a elas não se reduz, mas que na relação com elas lhes é anterior, nunca tético ou sintético... mas pré-tético. Cumpre por aqui a mais alta auscultação do ser pelo pensar saudoso que, deste modo, vai do pensado para o pensante e deste para o que no pensar se pensa. É um ato de recondução do fragmentado à unidade, da perdição à salvação, do múltiplo ao uno. E é também a anamnese saudosa o trilho que da sofia nos leva à teosofia.

Vimos de ver como o estado padecente do pensar saudoso é, para a sua verdade, a sua coita, donde a coita como viver em grão cuidado, tal como João Garcia de Guilhade, que dizia que «sofrendo coita», sempre serviu a «boa dona» por que «trobava»⁴. É este permanecer na coita que convém assinalar, pois que ainda sofrendo a indiferença do ser, permanece sempre o pensar em coita, conversando a «conversa» do ser, dele saudosa e liricamente cuidando. O viver em coita é de permanente estado, e assim o é a coita da saudade para o pensamento

³ José Pedro Machado, IV, p. 277.

⁴ «A bõa dona por que eu trobava,/ e que nom dava nulha rem por mi,/ pero s'ela de mi rem nom pagava,/ sofrendo coita sempre a servi [...]» (*Cancioneiro da Ajuda* – A 232)



do ser, não havendo incoincidência entre o sofrer o ser e o cuidar do ser em coita. A anamnese estruturante da saudade cobre estes dois modos do sofrer e do cuidar, aproximando-os. De facto, estar em coita é cuidar do que se coita. O *coitado* porque sofre a coita não está irremediavelmente lançado na coita, já que o destino do pensar é para cuidar do que ele coita ou do que está a coitar. Neste sentido, há uma vigente proximidade do coitado ao cuidado, que nos faz dizer que, para o coitado, é um e o mesmo o objeto do cuidado.

Se é possível mundanamente entender o objeto como o que está diante ou em frente, o ser não merece esta definição de objeto, não é simples objeto entre objetos, embora a saudade o vise como tal por necessidade cognitiva, sendo essa uma tarefa do cognoscente para a obra do conhecimento. Mas o ser que se manifesta no pensar tanto aceita como recusa a noção de objeto, porque, em verdade, não é um objeto qualquer. Se o ser se objetiva, ele é, porém, sempre um excesso sobre o objetivado, um sempre mais além do objeto, merecendo a noção de sujeito por analogia, *noesis* mais do que *noema*. É deste modo que o objeto, qualquer que seja, é sempre um núcleo parcial de relações que se aprofundam na indefinição do ser e por esta mantêm familiaridade com o mistério e o infinito.

§3. CUIDAR, CURAR E DESEJAR COMO VIRTUDES DA SAUDADE

O mesmo para o cuidado saudoso em coita de cuidar, porque o «objeto» que é o ser é polo e polarização do e para o pensamento que para ele se dirige e o atrai. Não esqueçamos a lição: a saudade é *lembrança de alguma coisa com desejo dela*. Ora, cuidar do ser é ter saudade, assim como ter saudade é desejar em coita a cura da própria subjetividade. Singularmente se dirá que a cura, a que precede o ato de medicar e o medicamento, conserva este deslocamento ora para o ser, de que cuida, ora para a subjetividade, que merece ser curada. A saudade do ser é estado que incumbe o sujeito a permanecer em saudade, mas não é irremediável tal permanência, porque a saudade do ser é sempre dinâmica ou ativa, mesmo desejante: propõe ao pensamento a viagem ilimitada para a fonte das origens que é a da água que cura, revitaliza e salva.

Existe uma soteriologia da saudade? Assim como o ato que cura redime, assim para a saudade do ser empreende o pensar o caminho da sua mesma redenção, que é o de unir o finito com o infinito, a carne com a alma, o sexo com o espírito, o múltiplo com o uno. Aí também estão as sempre possíveis ressurreições do pensamento, o seu resgate da fragmentação, da dispersão, da dor, do medo, do nojo, da angústia e do desespero. A marca de expectativa da saudade está na direção do pensamento para o porvir. Sempre na atitude expectante da saudade faz o pensar a sua morada estendendo os seus fundamentos de arquitetura ao moradio do ser.



Não é despidiendo aclarar mais ainda o sentido da saudade como *lembrança de alguma coisa com desejo dela*, atraindo o olhar para a puridade do desejo, que sempre existe na coita saudosa e que apela para a cura da subjetividade atraída pela plenitude. Como a plenitude não se dá verdadeiramente no tempo da saudade, para a qual não é mais do que um vetor, uma seta apontando sempre um mais além, só se pode falar temporalmente em plenificação da saudade. O desejo do ser é, na saudade, o desejo de plenitude, que só se dará fora do tempo, na pátria que os olhos da carne só adivinham.

Cumpra a saudade o desejo de plenitude, mas da plenitude alcançada no não-tempo não se segue a aniquilação da saudade, que se suporia ignaramente destruída pela ascensão à plenitude. Resultaria desta hipótese a ideia de que a saudade é o sentimento da deficiência dos seres que, ultrapassada no não-tempo, deixaria de ter lugar ou de simplesmente ser. No entanto, se a saudade é o sentimento da plenitude do ser ou do embebedimento do *cogito* no moradio do ser, será, no tempo e no não-tempo, a fórmula ontológica da permanência do ser no ser e do insofismável desejo de querer permanecer no ser.

Ter saudade do ser é desejar permanecer nas imediações do seu moradio. Ter saudades do ser é crescer no desejo de o buscar em múltiplas partes e origens. Ter saudades de alguém é pressentir no tempo os estremecimentos da plenitude. Assim brota na vida a fonte de eternas águas que no eterno saciará as sedes. Aí, no lugar mesmo do pensar em sua coita saudosa, a voz metafísica do desejo do ser solicita-nos para a gratuidade da sua dádiva. E é aí que o pensar é puro lirismo e saudade pura. Em verdade, também oração.

